



ACOMPANHANDO FAKE NEWS: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DAS RELAÇÕES EM GRUPOS BOLSONARISTAS

Palavras-Chave: FAKE NEWS, BOLSONARISMO, REDES SOCIAIS

Autores:

CAÍQUE APARECIDO BRITE, UNICAMP – IFCH

Prof. Dr. CHRISTIANO KEY TAMBASCIA (orientador), UNICAMP – IFCH

INTRODUÇÃO:

Desde a campanha eleitoral do ex-presidente estadunidense Donald Trump, as fake news começaram a integrar o fazer político de diversas nações, incluindo o Brasil. A prática integrou as campanhas eleitorais de 2018 e o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (Cesarino, 2019, p. 535). Durante a pandemia que vitimou mais de setecentos mil vidas no Brasil, o governo de Bolsonaro foi fundamental para desmobilização das campanhas de vacinação, isolamento e impedimento de medidas protetivas a nível nacional através de notícias falsas. A comunicação bolsonarista nas redes sociais resultou na associação de grupos caracterizados por interpretações dicotômicas da realidade, abordagens simplistas de problemas complexos, na desqualificação da representação política, na abominação dos movimentos sociais e no apoio à violência institucionalizada (Almeida, 2019; Cesarino, 2019a; Gallego, 2019; Messenberg, 2019). Neste sentido, parece fundamental um estudo sobre os sentidos simbólicos que possibilitam tomar a produção de narrativas e a força de seus feitos como objeto legítimo de preocupação sobre os mecanismos de atuação política atuais.

O antropólogo estadunidense Clifford Geertz conceitua “cultura” utilizando-se do exemplo de piscadelas - como tique e piscadelas conspiratórias - para demonstrar como ações imbuídas de sinais culturalmente significativos caracterizam gestos, não limitando-se a descrições superficiais do acontecimento observado, ou à ideia da existência de um sentido pré-definido nos atos de comunicação. Ou seja, é fundamental tomar como objeto de estudo o próprio sistema de sentidos em que os discursos circulam (Geertz, 2015, p. 20-24). Ao considerar discursos dentro das próprias estruturas de significado onde se originam, torna-se possível abordar a dinâmica do bolsonarismo partindo de seus próprios imaginários e colocá-los sob uma perspectiva antropológica, tal como classicamente debatido à respeito de temas canônicos da disciplina, à exemplo da feitiçaria.

Tomemos o trabalho do casal Comaroff sobre a feitiçaria como ponto de partida. Em seus estudos sobre a África do Sul pós Apartheid, ambos os antropólogos (Comaroff, Jean; Comaroff, John, 1999, p. 283-284; p. 289-290) observaram como as complexas - e misteriosas - dinâmicas de mercado resultaram no enriquecimento abrupto de pequenas parcelas da população, enquanto relegou sua maioria à pobreza, contrariamente à expectativa pós Apartheid de liberdade e prosperidade na integração às dinâmicas de consumo capitalistas. As explicações

encontradas usam de noções associadas à feitiçaria e ao mundo “tradicional”, que deveria ficar para trás na integração da África do Sul na modernidade, para tornar inteligíveis tais dinâmicas. No trabalho da antropóloga britânica Mary Douglas (1999, p. 12-14), por outro lado, manifestações de feitiçaria na República Democrática do Congo também ilustram a permanência do fenômeno na contemporaneidade - que neste contexto propiciaria manifestações violentas através de acusações e vinganças. É importante ressaltar, contudo, que de maneira complexa o idioma da tradição ajuda a explicar (bem como produzir) transformações profundas no presente. Ou seja, através da interpretação de fenômenos novos, originários das crises de reprodução social instituídas pelo capitalismo colonial e, posteriormente, neoliberal. Tal qual os casos citados, o Brasil é uma nação outrora colonizada e permanece sob os efeitos do imperialismo praticado. A instabilidade econômica, política e social demanda explicações daqueles que as vivenciam, havendo o bolsonarismo encontrado um conjunto de valores e significados capazes de conferir a uma parcela significativa da população ferramentas elucidativas dessas mazelas, enquanto úteis eleitoralmente.

Nesta pesquisa, investiguei as particularidades referentes ao WhatsApp, Facebook e Twitter (Bruns; Moe, 2013; Cesarino, 2019a; Cesarino, 2019b; Dos Santos, 2019; Schmidt, 2013; Vaidhyathan, 2018), considerando desde a estrutura dessas redes até suas características comunicativas próprias. A partir da avaliação das peculiaridades, analisei quais e como são utilizados os símbolos e gestos dos grupos bolsonaristas no conjunto dessas plataformas, permitindo observar como as estruturas de significado atuam não somente nas particularidades das comunidades bolsonaristas restritas, mas também em suas manifestações em redes mais amplas e que transcendem redes sociais singulares. Por fim, dei atenção especial ao papel das Fake News nestes sistemas de sentido, visando identificar qual a sua relevância e consequências nas dinâmicas dos grupos, das redes bolsonaristas e na constituição de noções de identidade entre seus membros, como apoiadores de Jair Bolsonaro.

METODOLOGIA:

Baseando-me nas discussões interpretativistas propostas por Geertz (2015) e na análise da literatura acerca de metodologias de etnografias digitais (Horst; Miller, 2012), realizei uma revisão bibliográfica (de caráter interdisciplinar, mas sob uma perspectiva antropológica) das redes sociais nas quais são encontrados grupos bolsonaristas. Com um enfoque etnográfico, transitei pela literatura de estudos sobre conservadorismo, extrema direita, sobretudo em contextos digitais, situando esse debate político numa perspectiva crítica acerca das estruturas de significados e símbolos que compõem tais práticas.

Além disso, mapeei as particularidades técnicas do funcionamento das redes sociais a fim de compreender suas práticas. Neste sentido, fiz referência aos estudos sobre a estrutura organizacional típicas de Guerras Híbridas (Korybko, 2018; Leirner, 2020), Operações Psicológicas e de Informação (Ministério da Defesa, 1999; Ministério da Defesa, 2019). Além disso, realizei um levantamento de como se dão as práticas e narrativas dos integrantes destes grupos, tais como os gestos bolsonaristas (em suas diversas formas de mídia), suas relevâncias e consequências nessas redes. Utilizei dos estudos de bruxaria e feitiçaria, clássicos em antropologia, para abordar as lógicas de organização, acusação e o lugar do rumor e do incerto para entender a eficácia de um conjunto de práticas e imaginários simbólicos associados a instituições como o exército. Acredito que isto forneceu subsídios

para compreender o alcance da atração bolsonarista nas redes sociais e nas plataformas de notícias não hegemônicas e não convencionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No capitalismo neoliberal, as transformações sociais, políticas e econômicas são dificilmente compreendidas, principalmente considerando as necessidades diárias de reprodução social e as diversas narrativas políticas e midiáticas acerca de inúmeros temas, como violência, fome, doenças, desemprego e mudança climática. O estranhamento proposto pelos Comaroff (1993; 1999) e por Geschiere (2006), antropólogo que também dedicou-se ao estudo da feitiçaria no contexto moderno, permitiu acessar o imaginário bolsonarista ao considerá-lo como um sistema moral e de práticas (que podem ser consideradas rituais) eficaz. Assim, creio ser possível conferir tangibilidade a questões aparentemente intangíveis no cotidiano atual.

Dentro da estrutura de crença fortemente cristã, conservadora e militarista típica bolsonarista, a dicotomia que marca a forma com que sujeitos alinhados a este fenômeno contrapõem-se a inimigos imaginados e produzidos. Ou seja, assemelha-se fortemente ao trato com os feiticeiros. O inimigo - na figura de militantes, sindicalistas, minorias e dissidências políticas - é inferiorizado, desprovido de direitos e (supostamente) capaz de violência, conferindo tangibilidade aos problemas ao personificar as mazelas da sociedade que afligem os bolsonaristas. Tal qual um feiticeiro, esse inimigo encontra-se em conluíus conspiratórios com forças maléficas e bem organizadas que atacam a população, possuindo intrincadas instituições que não de sustentarem suas práticas. Daí a desconfiança à noção de um sistema corrupto como fundamento e como resultado da atuação destes inimigos. Afinal, tais práticas são subversivas: atacam o status quo, interferem com valores considerados amorais e que, por isso, causam danos e devem ser combatidos. Para além das maquinações e efeitos incertos, o inimigo pode atacar fisicamente. Tendo em vista tamanha maldade, deve ser combatido por quaisquer meios, mesmo os violentos (ainda que, nesta perspectiva, justificados).

Para estudiosos do conservadorismo atual, os imaginários e símbolos - de repulsa ou orgulho - particulares destas dinâmicas são inseparáveis de usos de aspectos culturalmente “tradicionais” brasileiros. O remanejamento de tecnologias culturais tais como analisadas pelo casal Comaroff, no contexto sul-africano, ou então tal qual a mistura violenta das crenças antigas às novas vistas por Douglas entre os Lele no Congo, assemelha-se ao uso de símbolos e valores cristãos e militaristas, frutos da colonização europeia e da ditadura militar, como ferramentas explicativas. Essas ferramentas, entretanto, não estão limitadas ao uso unicamente interpretativo; são utilizadas por políticos, mas também por setores do empresariado e do mercado, bem como por diversas instituições, para criar grupos e influenciá-los, principalmente no ambiente digital.

A criação de informações falsas é facilitada nessas redes sociais pelo layout das postagens; o espalhamento de informações falsas é potencializado devido ao viés de confirmação gerado pela priorização de conteúdos específicos distribuídos aos usuários - um efeito cascata ocorre quando notícias falsas, impressionáveis e sensacionalistas motivam o usuário a continuar clicando e sendo conseqüentemente realimentado por mais delas; a propagação de grupos radicalizados é facilitada devido a criação de nichos advindos das características anteriormente citadas. Em suma, a eficácia das redes sociais no cumprimento dos requisitos da manipulação, agregação grupal e influência típica de Guerras Híbridas, assim como o potencial estrondoso de uso das diversas

táticas propagandísticas, devido a alta adequação destas à estrutura das redes sociais consideradas, potencializa os medos e interpretações agonísticas que contribuem ao imaginário bolsonarista. Ademais, às variadas técnicas propagandísticas existentes para influenciar comportamentos e a alta adequabilidade dessas redes sociais à elas permite ao ambiente virtual atuar como um potencializador das fantasias de feiticeiros e bruxos; acusações estapafúrdias e informações mentirosas são constantemente produzidas em grupos que as creem veementemente. Por sua vez, o isolamento virtual dos grupos aumenta o viés de confirmação e continua suscitando medos e fornecendo confirmações (falsas) da veracidade dessas práticas maléficas.

CONCLUSÕES:

O bolsonarismo utiliza de símbolos e imaginários tradicionais como forma de interpretar fenômenos complexos da realidade. Imersos em estruturas alimentadas e retroalimentadas por esses discursos, dispensam os sistemas peritos (Giddens, 1991, p. 31) comuns à sociedade brasileira, criando ambientes incertos, destituídos de apoios teóricos e verificatórios às noções que defendem e, portanto, permeados de explicações místicas e conspiratórias acerca do mundo. As redes sociais, com seus algoritmos sensacionalistas, possibilitam e potencializam essa dinâmica através do compartilhamento das fake news, sendo essas as responsáveis por atuar no imaginário bolsonaristas, reforçando suas crenças.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, p. 185-213, 2019.
- BRUNS, Axel; MOE, Hallvard. Structural Layers of Communication on Twitter. In: WELLER, Katrin et al. (Ed.). **Twitter and society**. New York: Peter Lang, 2013.
- CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019a.
- CESARINO, Leticia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.
- CESARINO. Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética. **VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**, 2019b.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. (Ed.). Introduction. In: **Modernity and its malcontents**: Ritual and power in postcolonial Africa. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. Occult economies and the violence of abstraction: notes from the South African postcolony. **American ethnologist**, v. 26, n. 2, p. 279-303, 1999.
- DE CASTRO ROCHA, João Cezar. **Guerra cultural e retórica do ódio**. Goiânia: 2021.
- DOS SANTOS, João Guilherme Bastos et al. WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. **Comunicação & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 307-334, 2019.
- DOUGLAS, Mary. Os Lele revisitados, 1987 acusações de feitiçaria à solta. **Mana**, v. 5, p. 07-30, 1999.

GALLEGO, Esther Solano. Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade das redes sociais no período 2014-2017. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana et al. **Brasil em transe**: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Oficina Raquel, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GESCHIERE, Peter. Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade. **Afro-Ásia**, n. 34, p. 9-38, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HORST, A. Heather; MILLER, Daniel. **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 7-69.

LEIRNER, Piero C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

MESSEMBERG, Débora. A cosmovisão da “nova” direita brasileira. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana et al. **Brasil em transe**: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Oficina Raquel, 2019.

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Portaria nº 070-EME, de 26 de agosto de 1999. Aprova o Manual de Campanha C 45-4 - Operações Psicológicas, 3ª Edição, 1999. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/DanielFXA/manual-de-campanha-operaes-psicolgicas-c-454>. Acesso em: 14 fev. 2023.

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES. Portaria nº 225 - COTER, de 17 de dezembro de 2019. Aprova o Manual de Operações de Informação. 2 edição. 2019 e dá outras providências. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/10/manual-de-campanha-exercito-operacoes-informacao.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SCHMIDT, Jan-Hinrik. Tweeter and the Rise of Personal Publics. In: WELLER, Katrin et al. (Ed.). **Twitter and society**. New York: Peter Lang, 2013.

VAIDHYANATHAN, Siva. **Antisocial media**: How Facebook disconnects us and undermines democracy. Oxford University Press, 2018.